

RESUMO DA 1ª. E 2ª. HORAS DA AULA DE 06/01/82, DO CURSO *A HERMENÊUTICA DO SUJEITO*, DE MICHEL FOUCAULT

Resumo feito por: Fábio Belo

Edição utilizada: *L'héméneutique du sujet*. Cours au Collège de France. 1981-1982. Paris: Gallimard/Seuil, 2001.

06/01/82 – 1ª.H

Foucault vai falar do cuidado de si. *Hepimeleia heautou, cura sui*. Ocupar-se de si, de se preocupar consigo mesmo. É curioso, diz Foucault, estudar a relação entre a verdade e o sujeito através do cuidado de si e não através da prescrição délfica *gnôthi seauton*, conhece-te a ti mesmo.

Para vários autores o *gnôthi seauton* não é um princípio de conhecimento de si. O imperativo de Delfos são imperativos de prudência: evitar o excesso, não esquecer de que se é mortal etc.

O conhece-te a ti mesmo é apenas uma das aplicações concretas da regra geral: é preciso que tu te ocupes de ti mesmo, não se esqueça de ti mesmo, toma cuidado contigo mesmo. Ou seja, o *gnôthi seauton* é um conjunto interno ao *epimeleia heautou* (cuidado).

Comentário sobre a *Apologia a Sócrates*. Crítica de Sócrates aos atenienses: vocês se ocupam das suas coisas, mas não de vocês mesmos. A morte de Sócrates trará perda para os

atenienses porque não haverá ninguém ali para incitá-los a cuidar deles mesmos. Esta função de Sócrates foi-lhe dada pelos deuses. Sócrates abandonou seus interesses para cuidar dos outros, para incitá-los ao cuidado de si. O cuidado de si é um despertar. Sócrates diz que os atenienses dormem. Sócrates é como um inseto que persegue e pica os animais fazendo-os se agitar. *O cuidado de si mesmo é um tipo de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, plantado na sua existência e que é um princípio de agitação, um princípio de inquietude permanente ao longo da existência.* (9).

Na análise que Foucault fará do *Alcebiades* ficará claro que o cuidado de si é o solo, o fundamento a partir do qual se justifica o imperativo do “conhece-te a ti mesmo”. Sócrates é um homem do *cuidado de si*.

Foucault mostra como o princípio do *epimeleia heautou* é importante entre os gregos: epicuristas, cínicos e estóicos, são alguns exemplos. Este princípio de se ocupar de si mesmo se tornou, de maneira geral, o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que quisesse de fato obedecer ao princípio de racionalidade moral.

Foucault quer mostrar que este princípio foi um fenômeno cultural de conjunto; foi um *acontecimento* no pensamento. (11)

O cuidado de si é uma espécie de matriz do ascetismo cristão. É claro que esta história do conceito está cheia de matizes e inflexões.

O cuidado de si é (a) uma atitude, com relação a si, com relação aos outros, com relação ao mundo; (b) uma forma de atenção, de olhar para o “interior”, uma observação sobre o que se pensa; (c) não é só uma atenção voltada para si, é também uma séria de ações, pelas quais se purifica, se modifica, através das quais a gente se transforma e transfigura. Estas ações são técnicas de exame de consciência, de memorização do passado etc.

Por que deixamos de lado, ao longo da história, o cuidado de si e demos tanta ênfase ao conheça-te a ti mesmo?

Escutamos hoje o imperativo do cuidado de si como uma espécie de desafio, uma vontade de ruptura ética, um tipo de dandismo moral, a afirmação-desafio de um estado estético (Kierkegaard) e individual intransponível. (14). Ou então, soa como uma constatação do fracasso da moral coletiva e o indivíduo passa a cuidar de si mesmo. Mas é justamente o contrário! O cuidado de si se define fundamentalmente como um modo de viver-junto muito mais que como um recurso individualista. Para os gregos, o cuidado de si tem um valor positivo, nunca negativo. Não se pode esquecer que é desse jogo do cuidado de si que nascem as morais mais rigorosas que o Ocidente já viu. Se para nós o cuidado de si significa fechamento ou egoísmo, para os gregos, era matriz de morais rigorosas. Um outro paradoxo apontado por Foucault é que estas regras de ocupar-se de si mesmo vão dar origem também a códigos de rigor moral não-egoístas, que visam preocupar-se com o outro, a coletividade. Códigos que visam a *renúncia* de si mesmo. (É o contrário do que se poderia esperar do cuidado de *si*).

Mas há uma razão, além dos paradoxos que envolvem a evolução da noção de cuidado de si que a fizeram cair no esquecimento. Trata-se do “momento cartesiano”: momento que requalificou o conhece-te a ti mesmo e desqualificou o cuidado de si. A requalificação do conhece-te a ti mesmo aconteceu porque Descartes, ao colocar a evidência da existência própria do sujeito no princípio mesmo do acesso ao ser, era justamente este conhecimento de si mesmo (não mais sob a forma da prova da evidência, mas sob a forma da indubitabilidade de minha existência como sujeito) que fazia do “conhece-te a ti mesmo” um acesso fundamental à verdade. (16). O momento cartesiano requalificou o *gnôthi seauton* e desqualificou o princípio do cuidado de si, excluindo-o do pensamento filosófico moderno.

Foucault contrapõe a filosofia à espiritualidade. Filosofia é a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito de ter acesso à verdade, a forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites de acesso do sujeito à verdade. Já a espiritualidade é o conjunto de pesquisas, práticas e experiências que podem ser as purificações, as acesses etc. que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar por ter acesso à verdade.

A espiritualidade postula que a verdade não é jamais dada ao sujeito de pleno direito. O sujeito tem que ter o direito para ter a capacidade de ter acesso à verdade. A verdade não é dada ao sujeito por um simples ato de conhecimento. Ela postula que *é necessário que o sujeito se modifique, se transforme, se torne outro, em certa medida e até certo ponto, para ter direito a acessar a verdade. A verdade só é dada ao sujeito ao preço de colocar em*

jogo o ser mesmo do sujeito. (17). Há pelo menos duas formas pelas quais o sujeito alcança a verdade: a iluminação – aqui é a verdade que vem ao sujeito; Foucault chama isso de *Erôs*. E a acesse (*askêsis*), longo trabalho de si sobre si mesmo.

A espiritualidade postula ainda que alcançada a verdade, ela “retorna” sobre o sujeito. Não é a verdade que preenche o sujeito. A verdade apenas o ilumina, lhe dá a tranquilidade da alma.

A gnose é a exceção à espiritualidade descrita por Foucault, pois, segundo ele, ela dá primazia ao conhecimento. Durante toda a Antigüidade grega duas questões jamais se separaram: como ter acesso à verdade? e quais são as transformações no ser mesmo do sujeito que são necessárias para ter acesso à verdade? Aristóteles é a exceção.

A idade moderna da história da verdade começa a partir do momento em que isto que permite ter acesso à verdade é o conhecimento mesmo e só ele. Sem pedir modificações no sujeito. O momento cartesiano exige regras que conduzem ao conhecimento. É o *método*. As condições para se obter conhecimento lhes são extrínsecas – estudar, se esforçar, os interesses econômicos devem combinar com os interesses da pesquisa. Enfim, as condições para o saber concernem ao indivíduo na sua existência concreta, e não à “estrutura do sujeito enquanto tal” (20).

Para terminar a primeira hora do curso: se definirmos a espiritualidade como sendo a forma de praticas que postulam que, tal qual é, o sujeito não é capaz de verdade, mas que, tal qual

é, a verdade é capaz de transfigurar e de salvar o sujeito, diremos que a época moderna das relações entre o sujeito e a verdade começa no dia onde postulamos que, tal qual é, o sujeito é capaz de verdade, mas que, tal qual é, a verdade não é capaz de salvar o sujeito. (20).

06/01/1982 – 2ª.H

Houve um momento, portanto, onde rompeu-se o laço entre o acesso à verdade, tornado desenvolvimento autônomo do conhecimento, e a exigência de uma transformação do sujeito e o ser do sujeito por ele mesmo. Não se trata de um momento único, mas de um movimento de ruptura.

Curiosamente, Foucault irá dizer que a teologia (de Thomas, apoiada em Aristóteles) promoverá boa parte do corte. A relação de deus com o sujeito vai ser atravessada pela questão do acesso à verdade e ao conhecimento. Entre os séculos V e XVII, vai haver um conflito entre a teologia e a espiritualidade (e não entre espiritualidade e ciência!). Os movimentos esotéricos vão aparecer para tentar preservar a idéia de que não pode haver um conhecimento sem modificação profunda no ser do sujeito. O processo de separação portanto tem sua origem e desenvolvimento do lado da teologia.

A ciência falsa vai ser reconhecida justamente por esse traço da espiritualidade: se a ciência pede que o sujeito se transforme para compreendê-la, então é sinal que é falsa. A ciência não precisa de conversão para ser acessível. Para Foucault, na psicanálise e no marxismo encontram-se certas exigências da espiritualidade. O problema do que é o ser do sujeito (do

que deve ser o ser do sujeito para que ele tenha acesso à verdade) e a questão da transformação do sujeito depois do acesso à verdade estão no centro destes saberes.

Obviamente, não o marxismo e a psicanálise não são formas de espiritualidade. O que Foucault quer dizer é que nestas formas de saber as questões, as interrogações, as exigências são as mesmas questões fundamentais do *epimeleia heautou*, e portanto da espiritualidade como condição de acesso à verdade.

O preço pago por reduzir as questões “verdade e sujeito” à problemas de pertencimento (a um grupo, escola etc.) foi o esquecimento da questão das relações entre verdade e sujeito. Lacan é exceção no movimento psicanalítico por ter retomado a questão da relação entre sujeito e verdade: qual o preço que o sujeito tem que pagar para dizer a verdade? Qual o efeito do fato de que ele disse, que ele pôde dizer o verdadeiro sobre ele mesmo? Fazendo ressurgir estas questões, Lacan faz ressurgir no interior da psicanálise a velha inquietude do *epimeleia heautou*, que foi a forma mais geral da espiritualidade. Uma questão bem interessante deixada em aberto por Foucault: podemos, nos termos da psicanálise, colocar a questão das relações entre o sujeito e a verdade que não pode, por definição, se colocar nos termos do conhecimento? (31-2).

Foucault começa a falar do momento socrático-platônico da aparição do *epimeleia heautou* na reflexão filosófica. O princípio do cuidado de si não é filosófico no início. Está ligado a um privilégio político, econômico e social: eu não cuido da terra porque um escravo faz

isso; eu cuido de mim mesmo ao invés de cuidar da minha terra. Segue daqui uma análise de *Alcebiades*.

Em *Alcibiades* a noção do *gnôthi seauton* aparece como um conselho de prudência. Sócrates pede a Alcibiades para refletir um pouco sobre ele mesmo. Olha um pouco quem tu és, em face daquele que desejás enfrentar, e descobrirás tua inferioridade. Sua inferioridade se deve ao fato de ele não ter uma *tekhnê*. Alcebiades reconhece sua ignorância e Sócrates diz que ainda há tempo para cuidar de si.

Sócrates inverte a questão do privilégio. Se antes, eu podia cuidar de mim porque eu tinha privilégio estatutário, agora eu preciso cuidar de mim para ter esse privilégio. Não se pode governar os outros, se não se cuidou de si. Cuidado de si: entre privilégio e ação política, eis aí o ponto de emergência da noção. (38).

Nas filosofias epicuristas e estoicas o cuidado de si é uma obrigação permanente para toda a vida. Mas na sua forma precoce, socrático-platônica, o cuidado de si é uma atividade, uma necessidade de gente jovem.

Qual é esse “si” do qual devemos cuidar quando se fala em cuidar de si? É a questão do sujeito, como chamaríamos hoje esse si. O que é o sujeito, o que é este ponto em direção ao qual deve se orientar esta atividade reflexiva, esta atividade que se retorna do sujeito para ele mesmo? O que é este si?

E como este conhecimento de si vai conduzir à *tekhnê*? O jogo do diálogo é este: o que é este si que eu devo me ocupar para poder me ocupar como se deve dos outros que eu devo governar?